
Machado de Assis, J. M. *La Causa Secreta y otros Cuentos de Almas Enfermas*. Traducción de Juan Martín Ruiz. Edición al cuidado de Ernesto Pérez Zúñiga. Colección Letra Celeste. Madrid: Celeste Ediciones, 2000. 56 p.

Um fato muito conhecido sobre a obra machadiana, frequentemente lembrado por comentaristas e críticos, é o de incluir mais de 200 contos publicados originalmente em jornais cariocas e, mais tarde, reunidos em volumes com títulos “pouco expressivos”, nas palavras de John Gledson (2006), que pouco dizem sobre o conteúdo ou os critérios utilizados na seleção, como *Velhas histórias* e *Páginas recolhidas*. Este fato, de certa forma, parece convidar os antologistas a praticar novos recortes na sua obra, como fez Ernesto Pérez Zúñiga, que preparou o volume *La Causa Secreta y otros Cuentos de Almas Enfermas* (Celeste Ediciones, 2000) reunindo quatro contos que apresentam uma característica em comum: personagens com conflitos de valores tão profun-

dos que têm um efeito dramático em suas ações e chegam a afetar a sua sanidade mental ou espiritual. Esta é a primeira qualidade saliente do livro: embora a obra machadiana publicada em espanhol seja prolífica em antologias originais, inexistentes em português¹, os recortes costumam buscar os melhores contos, um panorama, contos inéditos em espanhol, etc.; os recortes temáticos são raros. Antes de abordar as traduções dos contos em questão, propriamente ditas, parece conveniente fazer algumas observações sobre a edição e a introdução, intitulada “La botánica sentimental”, termo emprestado do texto de “Entre santos”, assinada por Ernesto Pérez Zúñiga, o editor.

A introdução repete o recorrente comentário sobre o quão pouco conhecido é Machado de Assis na língua espanhola – o que é certo, mas não tanto como se costuma pensar² – e segue com uma brevíssima resenha biográfica sobre o autor, onde ganham destaque as adversidades que enfrentou no início e no fim da vida (incluindo o soneto que dedicou postumamente a Carolina, sua mulher, em tradução de Juan

Martín Ruiz, que também traduziu os contos) e o fato de ele ser um narrador à altura dos maiores da literatura universal, como Dickens, Flaubert e Dostoiévski. Pérez Zúñiga faz uma breve resumo dos quatro contos selecionados, mencionando os personagens principais, “almas enfermas que protagonizam historias que podrían estudiarse em uma *Estética de los argumentos*”, assumindo o tom decididamente metafórico com que, a partir da “sensación de estar leyendo algo contemporáneo por su técnica y clásico por su contenido”, conclui que:

En su mundo crecen plantas carnívoras dentro del corazón humano. Se enraízan en la sangre de sus personajes y respiran en sus palabras. Machado de Assis, botánico de los sentimientos, las analiza y nos las muestra en el invernadero de la literatura.

O volume, uma brochura de 20cm x 14cm e 56 páginas, mostra cuidados não muito habituais, como uma vinheta no canto inferior externo das páginas e notas apresentadas de forma heterodoxa: sem especificação de serem do tradutor ou do editor, indica-

das apenas por um asterisco na chamada, sem numeração nem remissão à página que as originou, numa única lista no final do livro, precedidas apenas pelo termo anotado. Outra curiosidade da edição é o colofão, que reforça o estatuto canônico do autor:

Acabóse de imprimir este libro el 8 de noviembre de 2000, aniversario del día en que Fiódor Mijáilovich Dostoievski diera por terminados *Los hermanos Karamazov*.

O volume não traz informações sobre o tradutor, Juan Martín Ruiz, que é apenas mencionado na página de créditos e no poema da introdução.

A tradução mal lembra uma tradução, enquanto texto. Isto, que tão frequentemente é tido como prova de qualidade, inclusive entre tradutores, fica evidente ao se reparar que no texto, escrito em bom espanhol, são extremamente raros os momentos em que um termo ou uma aceção tipicamente oriundos da língua portuguesa passa despercebido pelo crivo do tradutor e demais pessoas envolvidas no processo editorial e chega até o texto impresso. Até é possível encontrar dois ou três,

mas no conjunto do texto são casos tão esparsos que pode parecer injusto iniciar estes comentários por eles. Somente mencionarei, para dar testemunho de um desses raros momentos, o seguinte trecho:

1	[...] pois já intercedi e alcancei do Senhor aquilo mesmo que me veio pedir esta pessoa
	[...] pues ya intercedí y alcancé del Señor lo que vino a pedirme ese infeliz (p. 36)

“Alcanzar algo de alguien” não é um predicado usado em espanhol com o sentido de obter uma graça, pelo menos não no espanhol moderno. Com efeito, quase todos os 10 resultados do Google para “alcancé del señor” são oriundos de edições fac-similares do século XVIII, exceto um, que é do século XVII e outro do século XIII. Evidentemente, a expressão é decalque do original. Entretanto, este exemplo constitui uma exceção à regra.

A recíproca também não é verdadeira: talvez ainda mais raras sejam as passagens que cha-

mem a atenção pelo marcado e talvez excessivo tom ibérico do espanhol utilizado, algo às vezes perceptível para quem domina o português e conhece a ausência de alguns idiomatismos ou expressões nessa língua. Também insistir neste aspecto poderia parecer injusto. Nos mesmos termos dantes mencionarei a passagem seguinte:

2	[...] pois já intercedi e alcancei do Senhor aquilo mesmo que me veio pedir esta pessoa
	¡y cuánto más en asuntos de su padre!, que según dicen tiene muy malas pulgas (p. 25)

A expressão idiomática “tener muy malas pulgas” me chamou a atenção na primeira leitura e me moveu a procurar o original para entender o que estaria sendo traduzido com ela.

Longe dos casos citados, a principal característica do espanhol utilizado é a de ser impecável e é evidente a fluidez do texto traduzido. De fato, a tradução flui muito bem na leitura. Fatos

que contribuem para isto são a adaptação de quase todos os nomes – seja por força de um acento (*García* por *Garcia* ou *María* por *Maria*) ou alterações ortográficas mais visíveis (*Luisa* por *Luiza* ou *Damián* por *Damião*) – ou o uso de uma linguagem clara e escoreita, de um modo geral.

Entretanto, um olhar mais minucioso, especialmente se incluir a leitura paralela com o texto machadiano em português, revela que essa fluidez age muitas vezes em detrimento de certas características do original. No exemplo acima, se percebe que a fluidez é conseguida à custa da concisão e da naturalidade do diálogo: “e então seu pai”, quatro palavras, um uso bastante coloquial de “então”, traduzida por “y cuánto más en asuntos de su padre”, oito palavras bem mais próximas de uma linguagem culta do que coloquial. A frase seguinte, mencionada acima, ainda que tenha o tom coloquial dado pelo idiomatismo mencionado, também alonga o texto. Este tipo de situação é bastante comum na tradução, a ponto de que é em média 8% mais longa que o original, medida em palavras.

Nos exemplos seguintes, alguns dos termos que alongam a

tradução com respeito ao original são, de certa forma, imposições gramaticais:

3	— <i>Conhecia-o antes?</i> perguntou Garcia.
	— <i>¿Lo conocía usted de antes?</i> — preguntó García. (CS, p. 13)
4	Médico e subdelegado vieram daí a pouco; <i>fez-se o curativo, e tomaram-se as informações</i> . O desconhecido declarou chamar-se Fortunato Gomes da Silveira, ser capitalista, solteiro, morador em Catumbi. El médico y el inspector de policía llegaron enseguida; <i>se realizó la cura pertinente, y se tomó declaración de los hechos acaecidos</i> . El desconocido dijo llamarse Fortunato Gomes da Silveira, soltero, residente en el barrio de Catumbi, y que vivía de sus inversiones y sus rentas. (CS, p. 13)
5	— <i>Vai ouvir</i> uma ação bonita. — <i>Pues le voy a contar</i> una bella acción. (CS, p. 16)

6	— Tenho muita fé <i>nos cáusticos</i> , dizia ele.
	— Tengo mucha fe <i>en la recuperación de los quemados</i>
	— decia. (CS, p. 13)

Concretamente, me refiro à próclise dos pronomes oblíquos – “lo” e “se” (duas vezes) nos números 3 e 4 –, ou mesmo a sua presença –“le”, no 5, à preposição “a”, obrigatória na perífrase de futuro “voy a contar”, no exemplo número 5, ou o desdobramento da contração “nos” no 6 em “en la”. Esse tipo de coisas são inescapáveis em várias situações e não faria sentido, para o tradutor, investir esforço em controlar o alongamento decorrente delas, até porque a recíproca também é verdadeira: há situações em que a imposição gramatical envolve um encurtamento. No exemplo 7, a seguir, a imposição do espanhol é a ênclise, mesmo no registro coloquial da escrava:

7	— Me acuda, meu sinhô moço!
	— ¡Auxílieme señorito!

Estes eventuais encurtamentos agem no sentido de diminuir o alongamento geral da tradução ainda que tendam a surgir com menor frequência.

Entretanto, a maior parte dos exemplos não tem a ver com imposições dessa natureza, mas respondem a outras razões, como a busca de uma tradução clara e completa dos significados, nos casos em que o tradutor avaliou que uma explicação seria necessária, como o exemplo 4, em que “capitalista” foi traduzido pela descrição do termo, ou mesmo um esclarecimento, como a inclusão de “de los hechos acaecidos”, nesse mesmo exemplo, ou o desdobramento de “a incredulidade pública” em “la incredulidad de la gente ante su dolor”.

8	— Compreende-se a incredulidade <i>pública</i> , ponderou S. Miguel.
	— <i>Ahora se entiende la incredulidad de la gente ante su dolor</i> — observó S.

Também a aproximação da linguagem culta, mencionada anteriormente, alonga o texto em várias situações:

- em usos como a inclusão de “usted” (ex. 3);
- na escolha de um registro mais elevado, como na expressão “la cura pertinente” em vez de “el curativo” (ex. 4), ou de “articular palabra” em vez de “hablar”:

9	Damião, trêmulo, mal podendo <i>falar</i> , disse que não tivesse medo, <i>não era nada; ia explicar tudo.</i>
	Damián, tembloroso, casi sin poder <i>articular palabra</i> , le dijo que no tuviese miedo, <i>que no era nada, que él le explicaría todo.</i> (CV, p. 24)

- na racionalização da sintaxe, também percebida no exemplo 9, onde a repetição do relativo “que”, perfeitamente racional do ponto de vista sintático, ocasiona um distanciamento entre a voz do narrador e a do personagem. De fato, em português, o narrador repete a sintaxe usada pelo personagem – “não tenha medo, não é nada; vou explicar tudo”: é a voz do personagem que se infiltra, ou se “esgueira”, den-

tro da narração que, assim, fica a meio caminho entre o discurso direto e indireto, ou seja Machado usa aqui o discurso indireto livre. No entanto, em espanhol o discurso do personagem é indireto, estabelecendo mais claramente o limite entre ambas as vozes. No exemplo a seguir, a racionalização da sintaxe é ainda mais visível, pois leva à paráfrase na busca da comunicação clara dos significados, em detrimento da forma, sacrificando a radical concisão do texto de Machado, que reflete na frugalidade da forma o caráter tacanho do personagem. A tradução, entretanto, traz orações completas, com verbos, enquanto as orações originais são nominais:

10	<i>Pouca sociedade, nenhuma recreação de família.</i>
	<i>Se relaciona poco, ningún tipo de diversión proporciona a la familia.</i> (ES, p. 38)

O exemplo 8, mais acima, também envolve racionalização, embora num plano mais textual: a inclusão de “ahora” explicita a articulação do comentário que o personagem

faz com a fala anterior do interlocutor, que em português é apenas implícita, ainda que clara.

Ainda sobre alongamento da tradução em relação ao original, é preciso observar que uma das formas em que a concisão acontece no texto machadiano é pelo uso diferenciado de alguns termos, de forma inusitada ou pelo menos infrequente, envolvendo transgressões de vários tipos. A resistência do tradutor a esses usos pode ser observada em algumas ocasiões nesta tradução, como no exemplo 6. “Cáustico” não está definido como “queimado” no *Houaiss*, no *Priberam* ou no *Aulete* e nem aparece usado nesse sentido no Corpus do Português³. A tradução, se aproveitasse a semelhança entre o português e o castelhano, certamente poderia lançar mão do mesmo termo, reproduzindo a criatividade machadiana no seu uso, mas não é isto que acontece. Uma análise parecida pode ser feita do uso de “anônimo”, que, como substantivo, pode se referir à pessoa (*Houaiss*, *Aulete*, *Priberam*) ou às mensagens de autor anônimo (apenas no *Priberam*). Há ocorrências dos dois casos no Corpus do Português. O primei-

ro deles é muito mais comum: as poucas ocorrências do termo na segunda acepção não são oriundas de textos contemporâneos, e sim do século XIX (inclusive de Machado). Em espanhol a situação é inversa: como substantivo, o termo “anônimo” é amplamente conhecido no sentido de “mensagem de autor anônimo” e menos conhecido para se referir à pessoa, embora isto também seja possível. No texto de Machado, “anônimo” se refere à pessoa, mas na tradução (correta, no tocante ao significado) o termo se refere às mensagens:

11	Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o <i>anônimo fosse ter</i> com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio.
	Aquellos razonamientos no acabaron de sosegar a Camilo; temía que <i>el autor de los anónimos se pusiese en contacto</i> con Vilela, y la catástrofe se abatiría entonces sin remedio. (C, p. 47)

Ora, os leitores – inclusive, muitas vezes, os críticos – não têm o hábito, ou mesmo a opor-

tunidade, de ler as traduções lado a lado com o original. A questão é que, neste caso, a escolha do tradutor pode ser explicada pelo receio de que os leitores interpretassem as estranhezas do texto como inabilidade do tradutor, e não como decorrência de um gesto tradutório que busca reproduzir o estilo do original.

Isto, naturalmente, explica o uso de uma linguagem escorregada, muito clara, como foi dito acima, e também a busca de naturalidade nas falas. No mesmo exemplo, a locução “fosse ter com” é traduzida como “se pusiese en contacto con”, uma vez que opções mais breves, como “fuese donde Vilela”, seriam menos correntes. A mesma busca se percebe no exemplo a seguir:

12	— <i>Não sei quem é.</i>
	— <i>Pues no, no lo conocía.</i> (CS, p. 13)

A repetição da negação com inclusão do expletivo “pues”, muito comum no padrão coloquial da Espanha, evidencia essa busca.

Em que pese à priorização da recuperação dos significados evi-

denciada nos casos anteriores, o alongamento não deixa de envolver também, em algumas ocasiões, perdas e ganhos de significados, ainda que sejam significados potenciais:

13	— Já aí vem um, <i>acudiu alguém.</i>
	— Ya está de camino — <i>dijo uno de los que allí estaban.</i> (CS ⁴ , p. 12)

O desdobramento de “alguém” em “uno de los que allí estaban”, enseja uma certa representação mental da cena: um grupo de pessoas assistindo estaticamente a uma cena; as pessoas estão lá, a cena se desenrola ao lado deles, um deles diz alguma coisa. Essa representação mental é diferente daquela que pode evocar o verbo “acudir”, que coloca o alguém numa posição dinâmica, tentando colaborar dando a informação. Não é apenas um espectador: além de uma testemunha, é um participante.

No exemplo seguinte não há alongamento, no geral, mas há uma mudança de significados – principalmente conotativos – um

pouco mais visível, e uma perda formal mais muito notória:

14	—Tu, João Batista, e tu também, Francisco de Paula, e todos vós haveis de sorrir comigo: e, pela minha parte, posso fazê-lo, pois já intercedi e alcancei do Senhor aquilo mesmo que me veio pedir esta <i>pessoa</i> .
	—Tú, Juan Bautista, y tú también Francisco de Paula, y todos vosotros sonreiréis conmigo; yo, por mi parte, puedo hacerlo, pues ya intercedí y alcancé del Señor lo que vino a pedirme ese <i>infeliz</i> .
	—Que <i>pessoa</i> ?
	—¿A <i>quién</i> te refieres?
	—Uma <i>pessoa</i> mais interessante que o teu escrivão, José, e que o teu lojista, Miguel...
	—A un <i>feligrés</i> más interesante que tu escribano, José, y que tu tendero, Miguel...

A repetição de *pessoa* dá continuidade à narrativa. Trata-se de um termo geral, amplo e desprovido de conotações negativas, algo evidentemente adequado à piedade de um santo – o primeiro interlocutor é São Francisco de Sales –, em se tratando de um homem que vem tentar superar um pecado. O tradutor, visivelmente, rejeita a repetição, optando por *infeliz*, termo não isento de juízo de valor e conotação negativa, *quién*, um pronome absolutamente neutro, e *feligrés*, termo muito mais restrito que *pessoa*, mas, diferentemente de *infeliz*., sem conotação negativa. Na tradução, São Francisco de Sales parece se corrigir usando um termo mais neutro ao responder a São João Batista.

Tudo o que foi observado parece refletir a estratégia adotada pelo tradutor: a busca de uma tradução fluente, focada nos significados e que funcione adequadamente como texto autônomo sem parecer uma tradução, sem interferências da língua original, no que é bem sucedida, sacrificando aspectos do texto relacionados com a letra. Os ricos e sugestivos argumentos machadianos são reproduzidos de forma competente,

mas não o seu estilo, parte importante da sua literatura.

Pablo Cardellino
UFSC

Notas

1. A maioria das 38 publicações de contos de Machado em espanhol, conforme foi apurado (CARDELLINO, 2011). De fato, apenas 3 dessas 38 publicações correspondem aos volumes em que originalmente foram reunidos em português.

2. A este respeito, ver também o estudo sobre traduções de textos de Machado de Assis para o espanhol (CARDELLINO, 2011).

3. Exceto no texto do próprio conto, que faz parte do corpus.

4. AC se referirá a “A causa secreta”, CV a “O caso da vara”, ES a “Entre santos” e C a “A cartomante” e suas traduções no livro que está sendo resenhado. As versões originais foram retiradas de *Várias histórias* (C, ES e CS) e *Páginas recolhidas* (CV), disponíveis online em www.machadodeassis.ufsc.br.

Referências

Assis, J. M. Machado de. *Várias histórias*. In: _____. *Obras completas*. [s.l.]: MEC/Nupill/UFSC, [s.d.]. 1ª ed. 1896. Disponível em <http://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/CONTO_Varias_Historias_1896.htm>. Leitura em 28-out-2011. Digitalizado de Machado de Assis, *Obra Completa*, vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Assis, J. M. Machado de. *Páginas recolhidas*. In: _____. *Obras completas*. [s.l.]: MEC/Nupill/UFSC, [s.d.]. 1ª ed. 1899. Disponível em <http://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/CONTO_Paginas_Recolhidas_1899.htm>. Leitura em 28-out-2011. Digitalizado de Machado de Assis, *Obra Completa*, vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Cardellino, Pablo. “Traducciones de Machado de Assis al español”. In: Guerini, Andréia; Ferreira de Freitas, Luana; Costa, Walter Carlos (orgs.). *Machado de Assis tradutor e traduzido*. Tubarão: Copiart, 2011.

Gledson, John. “O machete e o violoncelo: Introdução a uma an-

tologia dos contos de Machado de Assis”. In: _____. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006. Tradução de Fernando Py.

Instituto Antônio Houaiss. *Houaiss Eletrônico*. Versão monousuário 3.0. [s.l.]: Editora Objetiva, 2009. CD-ROM.

Lexikon Editora Digital Ltda. *Aulete Digital: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. [s.l.]: Lexikon, [s.d.]. Software.

Priberam Informática, S.A. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. [s.l.]: Priberam Informática, 2009. Disponível online: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Consulta em 29-out-2011.